

Normas de redacção

1. Apresentação do texto

Original impresso e em disquete tendo em consideração o seguinte:

1.1. Texto em ficheiro Word.

1.2. Texto batido a 2 espaços.

1.3. Parágrafos recolhidos.

1.4. Resumos, bibliografia e legendas das ilustrações, em páginas à parte.

1.5. Resumo em português que o editor fará traduzir para língua inglesa. Se o autor preferir apresentar o resumo em língua francesa, o editor não se responsabiliza pela tradução.

1.5.1. A seguir aos resumos incluir até 5 palavras-chave que caracterizem o conteúdo do artigo.

1.6. A revista utiliza o sistema de notas infrapaginais e bibliografia no final do artigo.

1.6.1. As notas incluirão apontamentos breves e questões relacionadas com o texto original, sendo numeradas sequencialmente com números em expoente.

1.6.2. A bibliografia no final do artigo é impressa em duas colunas e é uma listagem organizada por ordem alfabética de todos os autores citados ao longo do texto. Os autores espanhóis devem ser referenciados pelo penúltimo apelido.

1.7. Cada original deverá apresentar a seguinte uniformização de critérios no que respeita a:

1.7.1. Título do artigo. Exemplo:

A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora

1.7.2. Subtítulo (1). Exemplo:

1. ESTUDO DE COLECÇÕES

1.7.3. Subtítulo (1.1). Exemplo:

1.1. Antas da Mitra

1.7.4. Subtítulo (1.1.1). Exemplo:

1.1.1. A placa MEV 5230

1.8. Assinalar no texto o local ideal para entrar cada ilustração, de modo a respeitar-se, tanto quanto possível, a ideia do autor (tendo em conta o critério de que a ilustração deve aparecer depois do texto a que se refere).

2. Referências bibliográficas

São redigidas de acordo com a Norma Portuguesa de 1994 (NP 405-1). No caso de correspondência e documentos electrónicos deve seguir-se, respectivamente, a Norma Portuguesa de 2000 (NP 405-3) e a Norma Portuguesa de 2002 (NP 405-4). Relativamente ao material cartográfico são fornecidos alguns exemplos elaborados de acordo com as normas do ISBD (CM), dado não ter sido ainda publicada a Norma Portuguesa para a descrição bibliográfica de material cartográfico.

2.1. Abreviaturas

2.1.1. Solicita-se a utilização exclusiva de abreviaturas nos nomes próprios dos autores.

2.1.2. Quando a bibliografia inclui 2 ou mais autores com o mesmo apelido, os respectivos nomes serão indicados por extenso.

2.1.3. Os títulos das publicações periódicas não deverão ser abreviados.

2.2. Autoria

2.2.1. Quando a responsabilidade da obra for partilhada até um máximo de 3 autores, são todos referenciados.

2.2.2. Quando a responsabilidade da obra é partilhada por mais de três autores indica-se apenas o nome do primeiro, seguido da expressão [et. al.].

2.2.3. Os editores literários e compiladores podem ser tratados como autores, desde que apareçam destacados na página de título. Neste caso, devem acrescentar-se ao nome, as abreviaturas ed. lit. ou compil.

2.3. Dados da publicação

2.3.1. No caso do local de edição e/ou editor não virem referenciados na publicação, utilizam-se as seguintes expressões:

Ex: [S.l.: s.n.], 1980

Paris: [s.n.], 1990

[S.l.]: Hachette, 1986

2.3.2. Se o ano da publicação não vier mencionado, indica-se a data de impressão, *copyright* ou depósito legal:

Ex: imp. 1987 cop. 1990 D. L. 1980

2.4. Série ou colecção

2.4.1. A série ou colecção, em que a obra está incluída, é apresentada como aparece no documento, no fim da referência:

Ex: (Documents d'Archéologie Française; 33).

2.5. Exemplos:

Monografias:

ALARCÃO, J. de (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Europa-América. 139 p.

LISBOA Subterrânea (1994). Lisboa: Soc. Lisboa 94; Museu Nacional de Arqueologia; Milão: Electa. 278 p. Catálogo.

Contribuições em monografias:

HEINZ, C.; THIÉBAULT, S.; VERNET, J.-L. (1993) – Gestion et dégradation de la forêt préhistorique méditerranéenne. In *Le Néolithique au Quotidien*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme. p. 12-18. (Documents d'Archéologie Française; 39).

DAVEAU, S. (1994) – A foz do Tejo, palco da história de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Soc. Lisboa 94; MNA; Milão: Electa. p. 24-30. Catálogo.

DELIBES DE CASTRO, G.; SANTONJA, M. (1987) – Sobre la supuesta dualidad Megalitismo/ Campaniforme en la Meseta Superior española. In WALDREN, W. H.; KENNARD, R. C., eds. *Bell Beakers of the western Mediterranean. Definition, interpretation, theory and new site data. The Oxford International Conference (1986)*. Oxford: B. A. R., p. 173-206. (BAR International Series; 331 i).

Artigos de publicações em série:

ALVES, F. J. S. [et. al.] (1988-1989) – A armadilha de pesca da Época Romana descoberta na Praia de Silvalde (Espinho). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 6/7, p. 187-226.

CARDOSO, J. L. (1995) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35: 1, p. 115-129. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular.

No caso de ser uma revista com volume e número, a referência será feita da seguinte maneira:

CARDOSO, M. (1965) – A perda frequente de espécimes preciosos da nossa joalheria arcaica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75:1-4, p. 153-168.

Correspondência e manuscritos:

HELENO, M. – *Caderno de campo n.º 8* [Manuscrito]. 1952. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

SARMENTO, F. M. – {Carta} 1881 Maio 20, Guimarães {a} José Leite de Vasconcelos [Manuscrito]. 1881. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. CoR J LV 3124/20708.

Material cartográfico:

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 339 [Material cartográfico] / Serviços Cartográficos do Exército. – Escala 1: 25000. – Lisboa: S. C. E., 1970.

Documentos electrónicos:

THACKER, P. T.; BROOKS, B. E.; PEREIRA, C. M. C. (2002) – Detecting Paleolithic Activity Areas Through Electrical Resistivity Survey: An Assessment from Vale de Óbidos, Portugal. *Journal of Archaeological Science* [Em linha]. London. 29:6, p. 563-570. [Consult. 30 Jun. 2003]. Disponível em WWW: <URL:http://www.sciencedirect.com>.

3. Citações

A citação permite identificar a publicação onde se obteve a ideia, o excerto, etc. Entre a citação e a referência bibliográfica do documento respectivo deve existir uma correspondência exacta.

3.1. A forma adoptada pela revista é colocar no texto, entre parênteses, o nome do autor, o ano da publicação e, se necessário, os números das páginas citadas. Se o nome do autor vier integrado no texto deverá colocar-se, entre parênteses, o ano e os números das páginas.

Exemplos: (Encarnação, 1984, p. 132-137)

(Jones e Smith, 1986, p. 93)

3.2. Se a bibliografia contiver vários documentos do mesmo autor e editados no mesmo ano, acrescenta-se ao ano de publicação uma letra (a, b, c, ...) na citação e na referência bibliográfica.

Exemplo: «Já em 1963 tinha sido achado por J. Fragoso de Lima (1963a) ...»

3.3. Quando uma obra é citada várias vezes ao longo do texto, pode optar-se pela utilização da abreviatura ob. cit. ou op. cit.

Exemplos: «apesar da opinião contrária de F. Poplin (ob. cit., p. 15)...»

(Bouchud, op. cit., p. 25)

3.3. Sempre que um documento não tenha sido consultado pelo autor e que a citação seja feita por intermédio de outro autor, devem-se anteceder as citações pela abreviatura Cit. por (citado por) ou *Apud* (segundo, conforme).

4. Apresentação de datas

4.1. A revista adopta as regras constantes da proposta sobre referência de datas de radiocarbono aprovada no 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto: Sociedade de Antropologia e Etnologia, 1995. v. 6. (Trabalhos de Antropologia e Etnologia; 35: 2)).

4.2. Na citação de datas resultantes da aplicação de outros métodos, devem indicar-se os mesmos elementos requeridos para a referência de datas de radiocarbono (laboratório, número da datação, data obtida e margens de erro), seguidos das siglas que usualmente identificam o respectivo método (TL, U/Th, etc.). Nestes casos, em que a convenção de equivalência BP = 1950 não é seguida e também não se utiliza ou não faz sentido a distinção entre “datas convencionais” e “datas reais”, devem ser referidas a anos de calendário, segundo o sistema tradicional português: a.C. (antes de Cristo), d.C. (depois de Cristo).

4.3. A referência a grandezas cronológicas (ex.: III milénio, século IV, terceiro quartel do século II, etc.), não reportadas expressamente a nenhuma data específica de radiocarbono, como tal identificada, ou aquelas que realizem a síntese de datas obtidas por métodos diferentes, seguirão o sistema tradicional português: a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo).

4.4. De um modo geral, aconselha-se vivamente, quando tecnicamente possível, a utilização do sistema de referência tradicional português (a.C. / d.C.), *no pressuposto de que o mesmo corresponde necessariamente a datas reais de calendário* e obriga, portanto, no caso de datações de radiocarbono, à prévia calibração das datas convencionais obtidas.

5. Apresentação das ilustrações

5.1. Os originais devem permitir uma redução ao tamanho da mancha, salvo quando se considere absolutamente indispensável recorrer a desdobrável. A mancha é de 19 cm x 12,4 cm, devendo ser incluído nela o espaço ocupado pela legenda composta.

5.2. A revista é impressa a uma cor, pelo que a reprodução de desenhos e fotografias será igualmente feita a uma cor. São aceites diapositivos, ou provas em papel, a cores ou preto e branco e em qualquer formato.

5.3. Ao realizarem-se os desenhos, é necessário ter em consideração a espessura dos traços e o tamanho de números ou letras de forma a ficarem bem legíveis, nas reduções.

5.4 As imagens em formato digital (desenhos ou fotografias) deverão ter uma resolução mínima de 300 dpi para uma dimensão mínima igual à largura da mancha (12,4 cm) e ser entregues gravadas em CD, DVD ou disquete, nos formatos PSD, JPG, TIFF, RAW, EPS ou vectorial EPS. Todas as imagens deverão ser acompanhadas de um prova impressa a preto.

5.5 Desenhos ou fotografias, quadros e gráficos deverão ser numerados sequencialmente pelo seguinte critério:

5.5.1. Desenhos ou fotografias

Fig. 1, 2 ...

Nas figuras deverá figurar uma escala gráfica.



5.5.2. Quadros

Quadro 1, 2 ...

5.5.3. Gráficos

Gráfico 1, 2 ...

5.6 Os autores deverão usar como base cartográfica cópias de mapas já existentes, evitando desenhar mapas próprios.

5.7 No caso do artigo informar sobre estações bem determinadas, a 1ª figura (não numerada) deverá localizá-las sobre um mapa da Península Ibérica ou outro que seja apropriado.

6. Quadros e tabelas

Os títulos dos quadros e tabelas devem ser centrados, os dados restantes devem ser alinhados à esquerda e não se devem colocar filetes ao alto. Exemplo:

QUADRO I

Datações de radiocarbono relacionadas com contextos campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal

Ref. do Laboratório	Tipo de amostra	Contexto arqueológico	Data convencional de 14C (anos BP)	Data calibrada*	
				Método de distribuição de probabilidades	
				1 σ (cal BC)	2 σ (cal BC)
Penha Verde					
W-656	Carvão	Casa 2	3420 \pm 200	<u>1968-1501</u> ; 1480-1458	<u>2282-1258</u> ; 1234-1224
ICEN-175	Ossos	Indeterminado	4000 \pm 50	<u>2573-2513</u> ; 2508-2461	2844-2827; <u>2620-2394</u>

7. Entrega dos originais

Só serão aceites para publicação os originais apresentados segundo as normas de redacção da revista, iniciando-se apenas, a composição de originais que estejam completos:

- a) Resumo em português, em inglês e/ou em francês, com indicação de três a cinco palavras-chave para indexação;
- b) Texto original;
- c) Bibliografia;
- d) Legendas das ilustrações;
- e) Ilustrações.

8. Correção de provas

Deverão utilizar-se os sinais convencionais estabelecidos pela Norma Portuguesa de 1987 (NP-61).

8.1. As alterações ao texto original, deverão ser evitadas, pois os seus custos terão que ser debitados aos autores.

8.2. O revisor de provas utiliza a cor encarnada. Pede-se ao autor que utilize uma cor diferente.

9. Separatas

O editor oferece um exemplar da revista e 30 separatas por cada artigo. Quando da revisão de provas, o autor poderá encomendar mais separatas, mas terá que suportar o respectivo encargo.